

A LEITURA DAS IMAGENS NAS NARRATIVAS VISUAIS E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO LEITORA DAS CRIANÇAS

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande – fabiolacordeiro@uol.com.br

Resumo:

No universo literário dirigido às crianças, há, em número cada vez mais expressivo, obras cujo conteúdo é expresso somente através de imagens. Tais obras, denominadas de livros-imagem ou, especificamente, de narrativas visuais demandam uma competente leitura do texto imagético, sob pena de não ocorrer a construção de sentidos pelo leitor. Por isso, a leitura de imagens pode e deve ser fomentada desde muito cedo, considerando-se que a atribuição de sentidos a elas numa narrativa, especialmente quando esta é exclusivamente visual, depende das relações e identificações que o leitor for capaz de efetuar, construindo, por meio da percepção e da imaginação, os sentidos facultados pelo texto de imagens, capacidade que precisa ser formada nele como decorrência da intervenção de um leitor-mediador mais experiente. Contemplando a análise de duas narrativas visuais infantis, este artigo reflete sobre a relevância da leitura de livros-imagem nos anos escolares iniciais, contemplando a caracterização do gênero, a relevância da leitura competente do texto visual que o constitui e as possibilidades que, por meio do artístico, estético e lúdico, ele abre à formação da competência leitora das crianças.

Palavras-chave: narrativas visuais, imagens, leitura, literatura infantil.

Introdução

Hoje, um dos maiores entraves na educação básica brasileira é a formação de leitores. As práticas de ensino de leitura, pautadas em atividades que comumente priorizam a decodificação em detrimento da atribuição ativa de sentidos, não têm conseguido, efetivamente, preparar os estudantes para compreender os textos, adentrando em seus implícitos.

Se essa realidade é cabível para a leitura dos textos de modalidade escrita, é também, e talvez com maior ênfase, para a leitura das imagens, o que provavelmente decorre da prioridade dada pela escola à alfabetização para o código escrito, desprezando o que Salisbury (2007 *apud* RAMOS, 2011) chama de alfabetização visual.

Entretanto, as características do mundo contemporâneo, no qual as imagens proliferam, tornam imperiosa a capacidade de atribuir sentidos aos textos visuais, afinal, como ressalta Ramos (2011, p. 34), “Aprender a olhar significa sair do gesto primário de captar algo com os olhos, que é uma atividade física, e passar para outro estágio, aquele em que, a partir de muitos exercícios mentais, absorvemos e compreendemos o examinado”. Essa capacidade, uma vez que não é inata, precisa ser desenvolvida nos educandos, daí a relevância de, desde muito precocemente, eles serem auxiliados a ler as imagens, vendo-as com a mente curiosa e questionadora.

As obras literárias infantis e, mais especificamente, os livros com linguagem visual podem se constituir como instrumento importante nesse processo de formação de leitores de imagens e, em

decorrência, de leitores no aspecto mais geral e de literatura, no mais particular. Como no universo literário a imagem vem assumindo um papel cada vez mais destacado e significativo, isto não pode ser desconsiderado pelos que abordam junto às crianças e visam a formar leitores proficientes.

Nessa perspectiva, a intervenção desses mediadores é crucial na leitura compartilhada dos chamados livros ilustrados, grande parte dos quais integra as linguagens verbal escrita e de imagens, ambas demandando competente leitura. Aqui, queremos destacar os livros-imagem, nos quais só as imagens contam a história, e que, como rico material artístico e literário, exigem destreza dos leitores para, debruçando-se sobre o que as imagens contam e como contam, serem capazes de construir sentidos para o narrado. Desse modo, ressaltamos a importância dessas obras para fomentar a formação de capacidades leitoras nos aprendizes, num processo em que a intervenção de um leitor-mediador mais experiente os auxilia a estabelecer relações e identificações, construindo, por meio da percepção e da imaginação, os sentidos facultados pelo texto visual.

Neste artigo, objetivamos discutir a relevância das narrativas por imagem para a formação leitora das crianças. Com esse intento, inicialmente refletimos sobre o livro ilustrado e o papel da imagem na sua constituição. A seguir, analisamos o livro-imagem, apontado por diversos autores como um tipo de livro ilustrado, debruçando-nos sobre suas peculiaridades e a riqueza de sua leitura. Na sequência, a partir de duas narrativas visuais específicas, discutimos as possibilidades que as narrativas por imagem, através dos aspectos artístico, estético e lúdico, e com a crucial interferência de um leitor-mediador, abrem à formação da competência das crianças para ler.

O livro ilustrado: a imagem na constituição do sentido

Um livro ilustrado é caracterizado como aquele que integra duas linguagens: o texto e a imagem. Como aponta Linden (2011), no percurso de sua constituição histórica, ele foi sofrendo transformações e incluindo aspectos inovadores, entre os quais o espaço determinante que a imagem foi conquistando em sua constituição. Segundo a autora, na atualidade, esse espaço se mostra cada vez mais exuberante pela multiplicação de estilos e diversidade de técnicas utilizadas na produção das imagens, o que contribui para ampliar e relevar as possibilidades de construir sentidos. Desse modo, como salienta Linden, “Hoje, [...] a imagem se afirmou a ponto de ‘contaminar’ o conjunto das mensagens e fazer do livro ilustrado um objeto visual *a priori*” (p. 21).

Segundo Salisbury e Styles (2013), o livro infantil ilustrado é uma forma de arte merecedora de grande reconhecimento. Os autores o definem como um conjunto que reúne imagens em sequência e um pequeno texto escrito que, juntos, transmitem o significado. Distinguindo-o do que

chamam de livro ilustrado comum, no qual as imagens apenas enriquecem, decoram e ampliam o significado do texto escrito, tendo menor relevância que este, ressaltam que no livro infantil ilustrado, palavras e imagens desempenham igual importância narrativa, uma vez que o significado decorre da interação entre ambas, as quais não fariam sentido se usadas separadamente.

Esse aspecto de interdependência das duas linguagens nos livros ilustrados também é salientado por Nikolajeva e Scott (2011), para quem “o caráter ímpar dos livros ilustrados como forma de arte baseia-se em combinar dois níveis de comunicação, o visual e o verbal” (p. 13). Segundo elas, nesses livros, o icônico e o convencional geram expectativas um sobre o outro, propiciando novas experiências e expectativas ao leitor, que se volta do verbal ao visual e vice-versa, em uma interação que provoca a expansão do entendimento.

Além disso, nos livros ilustrados a disposição das mensagens no suporte, o encadeamento do texto e das imagens, sua diagramação e localização nas páginas também contribuem para a constituição do sentido. Assim, esses livros baseiam-se nesse encadeamento; neles, o discurso completo é percebido na escala do livro, na sequência das páginas viradas, ao longo das quais é construído o discurso (LINDEN, 2011, p. 87).

Ainda conforme Linden (2011), um aspecto paradoxal marca essas obras que, caracterizadas pelo predomínio das imagens, inicialmente foram destinadas a leitores mais jovens e com menor experiência leitora, e acabaram se consolidando “como uma forma de expressão por seu todo”, exigindo “competência estabelecida e diversificada de leitura” (p. 7). Necessário se faz pontuar que as imagens têm alcance universal, o que não implica que exijam menos do leitor. É nesse ponto que a autora referida aponta o que considera um mal-entendido crucial: que os livros ilustrados, por conterem imagens em destaque, tenham leitura mais adequada a sujeitos não-alfabetizados. Para ela, a imagem também requer atenção, conhecimento de seus respectivos códigos e uma verdadeira interpretação, o que permite afirmar que ler um livro ilustrado depende da formação do leitor.

Salisbury e Styles (2013) apresentam pensamento semelhante ao defenderem que, num mundo cada vez mais visual, é essencial que as crianças aprendam a olhar, apreciar e interpretar a visualidade. Os livros ilustrados, por eles caracterizados como “verdadeiras aulas de observação e avaliação de textos visuais” (p. 77), são um importante caminho favorecedor desse aprendizado, cabendo ao ensino desenvolver e reforçar a capacidade infantil para analisar os textos de imagens.

No livro ilustrado, a imagem é preponderante e não pode ser superada, na ocupação espacial das páginas, pelo texto escrito, o qual pode até inexistir, quando então é chamado de livro-imagem.

Os livros-imagem e suas peculiaridades

O livro-imagem é uma das muitas formas do livro ilustrado (LEE, 2012), a qual requer, em sua leitura, a participação ativa do leitor, a quem cabe criar o próprio texto a partir das imagens. Assim, nessas obras, embora as imagens pareçam contar suas próprias histórias, estas são fruto da criação desse leitor-narrador, embora seja preciso considerar a participação do narrador ilustrador que dirige a narrativa, mas cujo papel parece invisível diante da recriação do texto pelo leitor.

Essa visão é compartilhada por Linden (2011) ao salientar que, nos livros-imagem, a ausência de texto não implica ausência de discurso. Segundo ela, muito pelo contrário, essas obras requerem enunciação e é aí que entra a participação ativa do leitor, já que “os livros-imagem pedem uma apresentação em palavras das ilustrações oferecidas” (p. 49). Também é ressaltada por Nikolajeva e Scott (2011), que ao definirem esses livros como narrativas ilustradas sem palavras, os caracterizam como uma forma extremamente complicada, já que demanda que o leitor/espectador verbalize a história. Argumentam que um livro-imagem pode mostrar diferentes graus de sofisticação, dependendo da quantidade e da natureza das lacunas textuais, ou, como ressaltam, das lacunas iconotextuais ou visuais, a quem cabe ao leitor-narrador preencher.

Ressaltando que, nos livros-imagem, a imagem é a condutora principal da narrativa, Fittipaldi (2008), por sua vez, destaca o caráter aberto das formas de lê-la, também enfatizando que ela funciona a partir de uma ferramenta verbal, semelhante a um roteiro, que organiza as sequências de ideias imagéticas, tornando possíveis várias leituras e compreensões (p. 117). As narrativas visuais, portanto, embora demandando a construção do texto pelo leitor e, dentro do caráter polissêmico que caracteriza a literatura, permitindo compreensões diversas, não prescindem de uma organização sequencial determinada por um direcionamento verbal, o que faz do ilustrador também um autor.

Acerca do direcionamento da leitura propiciado pelas imagens nas narrativas visuais e, ao mesmo tempo, da abertura que devem garantir para que o leitor construa sua compreensão do narrado, Suzy Lee, ao tratar dos desafios que, como autora ilustradora, enfrenta na criação de obras dessa natureza, reflete que “O mais desafiador na criação de livros-imagem é ser capaz de conduzir, com delicadeza, os leitores e, ao mesmo tempo, abrir todas as possibilidades de diversas experiências de leitura (LEE, 2012, p. 146). Na visão da autora, portanto, um bom livro-imagem é aquele que não diz tudo, mas sim, que deixa espaços a serem completados pelo leitor, com sua capacidade imaginativa e criadora, conduzindo-o suavemente a percorrer os caminhos propostos pelo autor e, ao mesmo tempo, deixando-o livre para vivenciar diferentes formas de leitura da obra.

Sobre a possibilidade de leituras variadas de uma narrativa visual, Castanha (2008) também se posiciona quando destaca ser um ato transgressor do autor-ilustrador propor uma narrativa somente por meio de elementos visuais e a conceber como uma obra aberta, na qual várias leituras podem se relacionar e onde, além do aspecto lúdico, oferece-se uma narrativa literária para leitores com diferentes experiências de leitura.

Alguns questionam o valor dos livros-imagem como material de leitura, acreditando que suas imagens, por serem apresentadas “diretamente” ao leitor, inviabilizam sua imaginação e a construção de ideias. Entretanto, Fittipaldi (2008) questiona esse entendimento e ressalta a riqueza das narrativas visuais como alimento ao imaginário e à criação. Para ela, a imagem presente nos livros ilustrados “não tolhe o imaginário do leitor [...]. Leitores de imagens, criamos, expandimos e estamos constantemente utilizando nossos repertórios de formas visuais, enriquecendo nosso acervo de imagens expressivas e simbólicas e nossos repertórios de experiências interpretativas” (p. 107).

Nessa perspectiva, em consonância com o pensamento da autora, acreditamos que ler textos visuais também requer do leitor capacidades para observar, deduzir e inferir. Desse modo, levando adiante as deixas que o livro-imagem tem a oferecer (LEE, 2012), o leitor amplia suas possibilidades de dar sentido à visualidade, em decorrência aprimorando suas capacidades leitoras.

A leitura das imagens: formação leitora a partir das narrativas visuais

As imagens nas narrativas visuais são importantes para a formação de sujeitos capazes de observar e de interpretar, de modo ativo, o que elas expressam e contam, afinal, quando ricas, atrativas e significativas, elas estimulam e alimentam a imaginação e a criatividade do leitor, possibilitando-lhe uma experiência leitora prazerosa e enriquecedora (BIAZETTO, 2008).

Os livros-imagem *Poá* e *Mergulho* são exemplares significativos do gênero, uma vez que caracterizados por imagens férteis em significação e que, postas em sequência, narram histórias sustentadas pelo uso de cores, formas, linhas, traços, expressões, perspectivas, sombras, ritmo, profundidade, entre outros aspectos. Interpretar esses elementos é, pois, crucial para construir o sentido, processo no qual se faz necessária a intervenção de um leitor mediador que ajude a atentar para as nuances e elementos expressivos das imagens.

A obra *Poá*, do autor-ilustrador Marcelo Moreira, publicada pela editora Abacatte, em 2009, é caracterizada por um enredo simples, podendo destinar-se a leitores com menor experiência, embora demandando, em sua leitura, a participação de um mediador que os auxilie a perceber os detalhes das imagens e os indícios visuais através dos quais a narrativa é contada. Traz a história de

uma galinha d'Angola que, de repente, vê que as outras galinhas de sua espécie não têm bolinhas brancas como ela, mas estão cobertas por quadrados, triângulos, losangos e outras formas geométricas, o que a deixa atordoada e confusa, buscando entender o que está acontecendo e procurando uma solução para o problema.

A leitura competente desse livro-imagem demanda observar que na primeira sequência de cenas, a personagem principal caminha por um campo, sempre no sentido da esquerda para a direita, encontrando outras galinhas d'Angola como ela, pretas com bolinhas brancas, e as observa, reconhecendo-as e sendo reconhecida por elas. Na quarta imagem da obra, entretanto, instaura-se um problema quando essa personagem vê uma galinha diferente, com penugem cheia de quadrados, e se surpreende, o que é denotado por agora estar posicionada em direção à esquerda, como se tivesse se virado para observar mais atentamente e entender melhor o visto. Os detalhes dessa imagem (quadrados caracterizando as penas da galinha, mudança do sentido da caminhada da observadora, expressão atenta ao voltar-se para a outra galinha) precisam ser ressaltados pelo mediador, auxiliando a construção do sentido pelas crianças.

Na quinta, sexta e sétima cenas, o problema se acentua e a personagem depara-se com outras galinhas diferentes, uma vez que cobertas por formas geométricas variadas (quadrados, triângulos, pentágonos etc.) e, atônita, tenta compreender o que está ocorrendo. É importante ressaltar que ela observa as outras galinhas de diferentes posições: primeiro, do lado direito inferior da página, depois do esquerdo e, por fim, do centro da página, de costas para o leitor, o que parece indicar que o ilustrador resalta a busca da personagem por analisar a problemática de diferentes perspectivas, no intuito de tentar compreender o que, de fato, está acontecendo.

Na próxima ilustração, o mediador da leitura pode destacar a expressão atordoada da galinha que, vendo outra com desenhos diferentes nas penas, mostra-se confusa. Sua cabeça, em destaque no canto inferior direito da página, traz um olho com a pupila como uma espiral, denotando estar tonta, desorientada diante do que vê. Na ilustração seguinte, esticando o pescoço para analisar mais de perto os desenhos das penas das galinhas que encontra no campo, a personagem manifesta grande dúvida, o que é ressaltado pela interrogação de cor vermelha acima de sua cabeça e por seu olho bem arregalado, aspectos para os quais cabe ao leitor mais experiente chamar a atenção, a fim de favorecer o processo de construção da compreensão do narrado.

Na imagem subsequente, a galinha é mostrada em posição frontal e sobre sua cabeça há cinco balões de pensamento ilustrados com as formas geométricas vistas anteriormente nas penas das outras aves. Aqui, o mediador da leitura deve facilitar o entendimento de que o animal pensa sobre

o que viu e tenta entender por que as outras galinhas estão tão diferentes. Essa ideia da busca por entender o que se passa é reforçada na imagem posterior, na qual a personagem é apresentada frontalmente e em *zoom*, com o olhar voltado para cima, mostrando-se pensativa à procura de compreender o que está acontecendo ou de achar uma solução para o problema.

A recorrência ao uso do balão, recurso próprio dos quadrinhos, volta na imagem seguinte, na qual a galinha tem sobre a cabeça um balão pensamento em cujo interior é vista uma lâmpada acesa (a cor amarela indica isto), metáfora visual indicativa do aparecimento de uma ideia. Esse elemento deve ser destacado pelo orientador da leitura, auxiliando a compreensão de que a personagem tem uma ideia para solucionar o seu problema. Também cabe a ele favorecer a relação entre essa imagem e a seguinte, na qual se veem recursos expressivos gráficos denotativos de movimento rápido: riscos paralelos na horizontal, direcionados para o lado direito da página, seguidos pelo que parecem ser nuvens de poeira que vão diminuindo conforme o animal se afasta para um local que a imagem não mostra qual é. Assim, é possível inferir, pelas pistas das imagens, que a galinha, tendo uma ideia para solucionar o problema, dirige-se rapidamente a algum lugar em busca dessa solução.

Na imagem posterior, vê-se que a personagem volta com tal solução, pois é apresentada retornando ao cenário, o que é comprovado por caminhar no sentido direita-esquerda, além de estar usando óculos verdes, o que permite depreender que este objeto tem relação com a solução do problema. Na cena que segue, o mediador deve chamar a atenção das crianças para as bordas superior e inferior da página, que têm a cor verde e o formato dos óculos da personagem, possibilitando compreender que a cena está sendo vista da perspectiva da galinha, a qual, agora, consegue novamente ver as outras galinhas cobertas por bolinhas brancas. A leitura dessa imagem possibilita a inferência de que a galinha tinha um problema de visão, daí ver tudo distorcido, e de que o resolveu quando passou a usar óculos, compreensão reforçada pela imagem final, em que ela é representada frontalmente, em *zoom*, e usando seus óculos, tem a expressão feliz, surpresa e curiosa de quem passa a enxergar tudo com maior clareza e nitidez.

A leitura desse livro-imagem, que apresenta um enredo simples e imagens com poucos detalhes, em que se destacam os personagens e suas ações, requer uma participação ativa do leitor, que deve completar os “brancos” da narrativa, construindo o sentido a partir das pistas das imagens e de seu horizonte de expectativas. Nessa leitura, destaca-se a intervenção de um leitor mais experiente na interpretação da visualidade, a quem cabe dar destaque aos índices das imagens e aos seus detalhes, auxiliando as crianças a atribuir sentidos ao lido.

O mesmo pode ser pontuado em relação à obra *Mergulho*, do autor-ilustrador Luciano Tasso, publicada pela editora Rocco Pequenos Leitores, em 2015, que narra a experiência de um menino que sai pela primeira vez para pescar com o seu avô e que, nessa situação de aprendizado, “mergulha” num mundo de sonho e fantasia, onde conhece e descobre as belezas, os temores e as maravilhas do fundo do mar.

Ler competentemente essa narrativa demanda, por exemplo, atentar para as cenas iniciais e finais do livro, as quais apresentam cores escuras (preto e azul marinho, predominantemente) e breves detalhes em amarelo, os quais indicam a presença da luz da lua e nas casas de um vilarejo. Observar essas cenas, suas cores e localização na obra possibilita a compreensão de que denotam os períodos do dia em que o pescador e seu neto acordam para sair para pescar, na madrugada, e em que retornam da pescaria, já à noite, demonstrando a sequência narrativa. A esse respeito, Lee (2012) salienta a relevância do encadeamento das imagens em relação umas com as outras, uma vez que “o que importa não são as imagens separadas, mas a história que elas criam juntas” (p. 143).

A leitura requer também a observação atenta dos detalhes das imagens, a exemplo da que demonstra o início da aventura do personagem menino, com a entrada do barco no mar, empurrado pelo personagem avô. Na expressão facial do primeiro, vê-se o deslumbramento no sorriso largo e no olhar atento e cheio de expectativa, o que permite inferir sua avidez por viver, pela primeira vez, a experiência de adentrar o mar, pescar e aprender o ofício do avô, e ao mesmo tempo sua apreensão, denotada pelas mãos que seguram fixamente as laterais do barco. O avô, por sua vez, tem semblante orgulhoso e feliz, provavelmente por ver nessa vivência com o neto a preservação de seu ofício pelas novas gerações da família. A percepção desses detalhes precisa ser conduzida pelo leitor-mediador, a quem cabe orientar a atribuição de sentido ao texto visual, a partir dos seus índices, dos conhecimentos anteriores do leitor, da construção inferencial, entre outros aspectos.

A narrativa prossegue com cenas em que o barco se distancia da margem e o avô, já em mar alto, joga a rede, sendo observado pelo menino que, parecendo amedrontado, ainda segura, com firmeza, as laterais da embarcação. Mais tarde, juntos, pescam com vara, até que o neto, provavelmente a pedido do avô, vai recolher de dentro da água a rede e os peixes capturados, ocasião em que se vê, à esquerda da imagem, a chegada de uma gaivota que se direciona ao barco e pousa na proa, fato que possibilita a elaboração, guiada pelo mediador, de antecipações e hipóteses acerca do que acontecerá a seguir.

Na cena seguinte, em decorrência da entrada do animal na narrativa, é apresentado um fato determinante ao encaminhamento desta, quando o menino cai no mar. Os índices visuais (a gaivota

que, voando, está próxima da rede e segura um peixe no bico, algumas penas que voam no espaço ao redor, uma mão que aparentemente é do avô e que se direciona ao menino caindo de costas na água) permitem depreender que a gaivota subitamente voou em direção à tarrafa para capturar um dos peixes pescados e, nesse movimento, assustou o menino, fazendo-o cair no mar, com semblante muito amedrontado, uma vez que tem os olhos espantados, a boca bem aberta, como num grito, e os cabelos eriçados. Para que seja feita essa dedução, a intervenção do mediador é fundamental, cabendo-lhe direcionar a atenção do jovem leitor para os índices visuais e a relação destes com os seus conhecimentos prévios, o que favorece a construção do sentido da cena.

Nas imagens subsequentes, o ângulo de vista das imagens se desloca da superfície para o fundo do mar, denotando o mergulho do menino nesse universo desconhecido, o que é demonstrado pelo uso da cor azul escura no plano de fundo das páginas. Aqui, novamente, a interferência da mediação é crucial, de modo a orientar a percepção dessa “passagem” do fora para o dentro do mar ou, mais especificamente, do mundo real para o da imaginação ou do sonho do menino. Na cena inicial da sequência, dentro da água, o personagem-menino ainda é mostrado assustado, o que difere das imagens posteriores, em que ele assume expressões de contentamento, admiração, curiosidade e medo diante da grandeza e das surpresas que o universo marinho lhe revela.

Nessa sequência representativa do “mergulho” do menino, as imagens reforçam a pequenez deste frente à imensidão do mar, representada pelo grande cardume colorido, por gigantescos habitantes marinhos e por animais assustadores que habitam as profundezas oceânicas. Para acentuar essa ideia, o autor-ilustrador representa o menino em tamanho diminuto, cabendo ao leitor experiente chamar a atenção para a discrepância no tamanho dos elementos das imagens, ressaltando-a como importante estratégia para que a intenção significativa do autor se concretize. Cabe ressaltar que as especificidades e a riqueza de sentidos dos livros-imagem nos obrigam a compreendê-los como muito mais do que simples livrinhos para crianças não leitoras. Como ressalta Camargo (1995 *apud* BURLAMAQUE, MARTINS e ARAUJO, 2011), com base em sua experiência e com as perguntas que faz às imagens, cada leitor pode ter, na leitura desses livros, o ponto de partida para muitas outras leituras e para o alargamento de seu campo de consciência.

A mediação do leitor maduro também é importante para relevar o recurso do uso da cor nessa sequência de cenas, já que o azul da água vai progressivamente escurecendo, até chegar ao preto, estratégia eficaz para representar o aprofundamento do mergulho do menino que, com os olhos fechados, atinge o ponto mais fundo do mar. Entretanto, como mostra a imagem seguinte, ao pisar no chão ele novamente abre muito os olhos, surpreso, até colocando a mão sobre o peito, como a

conter o susto frente ao contemplado. Nessa imagem, que apresenta o personagem frontalmente e em destaque, perdem-se os contornos que o separam do ambiente, ocorrendo o predomínio da cor azul clara, o que parece demonstrar que, finalmente, menino e mar se unem, decorrência da superação de um estranhamento inicial marcado pelo temor e desconhecimento de um mundo até então pouco dominado. A cena seguinte revela o motivo da surpresa do personagem: o fundo do mar é repleto de estrelas coloridas, como um brilhante céu estrelado.

Finda essa sequência, a narrativa retorna à superfície, ao barco onde neto e avô se encontram. Numa primeira cena, em página dupla, o olho semicerrado do menino, em *close*, mostra parte da imagem anterior, em que ele se maravilha com o fundo do mar cheio de estrelas. Nesse ponto, o autor-ilustrador possibilita ao leitor inferir que o menino dorme (o que é comprovado nas duas imagens posteriores) e que, em seu sono, sonha ou imagina o seu mergulho no mar, universo tanto desconhecido e amedrontador, quanto atrativo e deslumbrante. Aqui, cabe destacar ainda a possibilidade de outro caminho interpretativo: a queda, de fato, do personagem na água e seu resgate pelo avô, fato capaz de desencadear seu sonho ou imaginação a respeito do que poderia ter descoberto caso tivesse submergido até o fundo. É preciso considerar, a esse respeito, que o texto imagético não diz tudo, que a sequência das cenas deixa margem para que o leitor, de maneira ativa, preencha os “vazios” entre elas, ativando seus conhecimentos anteriores, produzindo inferências, associando fatos, construindo interpretações coerentes, com base nas pistas textuais.

O paradoxo entre a apreensão e o fascínio, entre o temor e o risco vivenciados pelo menino é central na obra, pois ajuda a perceber a situação vivenciada por ele que, ao mesmo tempo em que quer conhecer o mar, ambiente tão caro ao avô e seu ofício, se assusta com sua grandiosidade e mistério. Aqui, o caráter simbólico da narrativa se destaca, uma vez que o “mergulho” feito personagem pode ser interpretado de modo literal, mas também, e talvez principalmente, no sentido figurado de uma descoberta, da inserção num universo temido e, ao mesmo tempo, almejado, a partir da compreensão, pelo menino, de que o mar não é tão assustador, de que a experiência com ele, seus mistérios e fascínios pode desvelar um ambiente deslumbrante e mágico.

A esse respeito, Burlamaque, Martins e Araujo (2011) apontam que, ao ler livros-imagem, o leitor tem a oportunidade de interagir com enredos caracterizados por metáforas e simbologias, das quais se apropria com base em suas experiências e conhecimento de mundo, ressaltando-se a importância da mediação de um leitor mais experiente que o ajude a compreender tal simbolismo.

Ainda cabe ressaltar o caráter simbólico do encontro do personagem com estrelas no fundo do mar. As estrelas, por estarem no céu, a milhares de quilômetros de distância, parecem intangíveis,

inalcançáveis, cabendo aqui relacioná-las ao mar que, para o personagem-menino, também representa, no início da narrativa, algo muito distante, desconhecido e temível. Entretanto, ao lastrearem o fundo do mar, decorando-o (numa clara relação com as estrelas-do-mar), denotam a possibilidade do alcance de algo antes tido como inatingível, nesse caso, o conhecimento do mar e a superação do medo de enfrentá-lo em sua imensidão.

A narrativa continua com a imagem em que o menino, já acordado, no final do dia (as cores mais frias usadas na representação do céu, que começa a escurecer, permitem depreender isto), conta ao avô o que sonhou/imaginou e é atentamente ouvido por ele, imagem seguida pela cena na qual se vê o avô sorrindo, de modo compreensivo e cúmplice, presenteando o neto com uma estrela vermelha, fato que, concretizando a descoberta do fascínio do mar pelo menino, reforça o simbolismo presente na obra e acentua a ambiguidade da ideia do mergulho feito pelo personagem.

A relação entre avô e neto no compartilhar o conhecimento do ofício de pescar também é um aspecto louvável, uma vez que a obra trata, de modo muito sensível, da relevância das trocas entre sujeitos de diferentes gerações, da importância de os mais velhos e experientes repartirem com os mais jovens os seus saberes e conhecimentos, no caso em questão, para que se mantenha a tradição familiar da pesca artesanal. A entrega da estrela ao menino, pelo avô satisfeito, indica simbolicamente que este se alegra com a “descoberta” do neto, o qual, sabendo que mais do que assustador, o mar é deslumbrante e surpreendente, vai dar prosseguimento ao labor do mais velho.

O livro-imagem *Mergulho* é, inegavelmente, uma narrativa repleta de simbolismo, cuja leitura exige do leitor capacidades para ir além do explicitado, refletindo sobre as intenções do autor em dizer mais do que as imagens mostram. Portanto, compreender suas metáforas e simbologias demanda um leitor-mediador competente para acessá-las e, a partir daí, auxiliar os jovens leitores a interpretá-las, vivenciando o caráter estético e artístico da obra, o que é pouco viável sem a reflexão e a percepção do que está subjacente às imagens. É preciso considerar, entretanto, que o livro de imagem fornece uma história aberta, na qual as imagens oferecem uma gama de significados, trazendo mensagens que serão vistas e compreendidas a partir da bagagem cultural de cada leitor.

Considerações finais

A ideia preconcebida de que os livros-imagem são simples e, portanto, adequados a leitores iniciantes precisa ser questionada e desfeita, uma vez que boas obras do gênero são extremamente complexas e sofisticadas, requerendo leitura atenta para a compreensão do desenrolar da narrativa. Nessa perspectiva, a interpretação competente da visualidade é requisito crucial à compreensão

dessas obras, o que requer enfatizar, em sua leitura, a importância da participação e da intervenção de um leitor mais experiente.

As narrativas visuais, cada vez mais constantes na produção editorial de literatura infantil no Brasil, podem se constituir como relevante meio de formação de bons leitores - das imagens e da literatura -, devendo, por isso, estar presentes nas práticas que visam a formar leitores nos anos iniciais da escolaridade, especialmente quando se consideram os implícitos e simbolismos que as caracterizam e, em decorrência, sua qualidade artística, estética e literária.

Referências bibliográficas

- BIAZETTO, C. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, I. de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 75-91.
- BURLAMAQUE, F. V.; MARTINS, K. C. C.; ARAUJO, M. dos S. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, R. J. de; FEBA, B. L. T. (Org.). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 75-95.
- CASTANHA, M. A linguagem visual no livro sem texto. In: OLIVEIRA, I. de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 141-161.
- FITTIPALDI, C. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, I. de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 93-121.
- LEE, S. **A trilogia da margem**: o livro-imagem segundo Suzy Lee. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- LINDEN, S. V. d. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NIKOLAJEVA, M., SCOTT, C. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Conversas com o Professor; 2)
- SALISBURY, M.; STYLES, M. **Livro infantil ilustrado**: a arte da narrativa visual. Tradução Marcos Capano. São Paulo: Rosari, 2013.